



# **VIDA, COTIDIANO, CIRCUNSTÂNCIAS: A REPRESENTAÇÃO DO REAL NA POESIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA**

*Anderson Guerreiro*

*Orientadora: Diana Klinger*

*Doutorando*

**RESUMO:** Contemporaneamente, assistimos a uma proliferação de poemas que se centram em cenas do cotidiano, incidentes banais, objetos corriqueiros, trazendo para os versos poéticos o íntimo, o pensamento e as reflexões do poeta. Embora, para uma parte da crítica, esses textos não são vistos como literatura/arte e sim como uma literatura menor, há um aprimoramento estético na sua estrutura e um esquema original no procedimento de sua construção, focalizando também o contexto e o momento de produção do poema, o que torna o leitor parte desse processo produtivo. Nesse sentido, interessa-nos a relação entre real e ficção, poesia e mundo, escrita e experiência vivida e circunstâncias em poetas contemporâneos brasileiros, com Laura Erber e Fabiano Calixto, a título de exemplos. Portanto, analisaremos de que forma realiza-se a representação da realidade na poesia contemporânea, o que impulsiona a criação desse tipo de poesia em tempos da chamada “paixão pelo real”, bem como a sua relação com a atual cena literária. Embasados nos escritos de Di Leone (2014; 2015), Karl Eric (2012) e Deguy (2015), debruçaremos na afirmativa de que esses textos podem ser considerados literários e artísticos, trazendo em suas linhas pensamento que vão muito além dos meros retratos do cotidiano e das circunstâncias descritas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia. Contemporâneo. Representação da realidade

Embora tratada num viés marginal, a poesia a qual desejo explorar neste trabalho, (isto é, aquelas que retratam o cotidiano, a vida e diversas circunstâncias do poeta) sempre foi produzida, concomitantemente à poesia de cunho social e lírica. Se observarmos todo o período de história e crítica literária, podemos averiguar que o estudo da poesia foi permanente e diretamente dedicado a estas últimas, consideradas mais célebres e, conseqüentemente, tornavam-se as mais notáveis. Dos poemas com teor obscuro, religioso e contraditório do Barroco, passando pelos líricos, pessimistas e nacionalistas do Romantismo



até os sociais, visuais e críticos dos modernistas, o que se observa é uma poesia diferente das diversas que hoje se proliferam sejam em publicações editoriais, em plataformas digitais, nas redes sociais ou em publicações amadoras.

Contemporaneamente, no campo da poesia há uma proliferação de poemas que são diferentes do que a grande crítica costuma considerar como poesia. Tais poemas, de uma maneira muito particular, se centram em cenas do cotidiano, em incidentes banais, em objetos corriqueiros e trazem para os versos poéticos o íntimo, o pensamento e as reflexões do seu autor. Há também aqueles que se centram na figura dos amigos, de uma pessoa querida, em eventos e/ou circunstâncias especiais.

Devido a essa trajetória tradicional a qual a poesia se encontrou, e ainda se encontra, é que diversos críticos ignoram o tipo de poesia em voga na literatura contemporânea ou, ainda, consideram-na como uma poesia menor. Vale destacar o conhecido caso do crítico literário Felipe Fortuna que criticou ferozmente o lançamento da revista “Modo de usar & co.”, produzida por poetas como Marília Garcia, Ricardo Domeneck e Fabiano Calixto. Fortuna critica e destaca o que considera o principal defeito da poesia brasileira produzida hoje, sobretudo no meio carioca, para ele, esse tipo de poesia é:

Apenas uma prática endogâmica e doméstica, esvaziada de qualquer conteúdo político e carente de perícia formal, cujos poemas se limitam a ser um mero retrato de cenas do cotidiano e uma coleção de citações de conversas com amigos, ou de poemas de amigos, sem nenhuma margem de construção e aprimoramento estético (DI LEONI, 2015, p. 106).

Embora haja tal tentativa de discriminação com a poesia de cunho mais subjetiva, íntima ou circunstancial, alguns grandes poetas como Mallarmé, Baudelaire, Bandeira e Drummond praticaram esse tipo de poesia. Pouco estudadas, obviamente, as de Drummond só foram reunidas e publicadas em 2011 com o título “Versos de circunstância”. Com quase 300 poemas, o livro reproduz, além dos versos transcritos, todos os poemas em fac-símile, nos quais é possível acompanhar, na caligrafia fluente de Drummond, o envio das dedicatórias, homenagens, votos de boas-festas e outros textos movidos pelo momento de produção dos poemas. O título foi dado pelo próprio poeta num de seus cadernos onde escrevias tais poemas em forma de dedicatórias a familiares e amigos como Lygia Fagundes Telles, Rachel de Queiroz e José Olympio. Para o organizador do livro, Ferraz (ANDRADE, 2011, p. 6), “o registro desses versos circunstanciais teve em sua origem, necessariamente, a consciência

aguda do desaparecimento, da dispersão, mas também o sentimento de que a escrita pode ultrapassar a morte”.

Os poemas desse cunho produzidos por Bandeira também foram reunidos e publicados em 1948, com o título “Mafuá do malungo: versos de circunstâncias”, sendo “mafuá” sinônimo de amigo, e foram para estes que Bandeira dedicou os versos ali presentes. Além de versos ocasionais, oferecidos em aniversários, nascimentos, batizados ou dedicatórias de livros, a obra é composta por um material leve e despretensioso, a qual Bandeira não pretendia divulgar amplamente pelo fato de não transcender a meras circunstâncias em que foram produzidos. Uma obra que para a crítica da época configura Bandeira um “poeta menor”, voltado para o cotidiano desimportante e para as coisas fúteis, corroborando à celebre passagem de Bandeira: “poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas com nas disparatadas” (BANDEIRA, 1954, p. 19).

O termo “versos de circunstância” tornou-se o nome para classificar “pequenos poemas que se alicerçam não em um tema ou assunto a ser elaborado, mas na sua relação com a sua situação de enunciação” (DI LEONI, 2014, p. 68). Esse tipo de poema referencia o contexto e o momento da enunciação pelo fato de versar sobre circunstâncias cotidianas, íntimas, seja no âmbito familiar ou privado, eventos como aniversário, casamentos, formaturas. Uma poesia que é diretamente atrelada a cenas do cotidiano, do doméstico, do íntimo e do fútil, por isto que apresenta “certa impossibilidade de se sustentar enquanto literatura ‘autônoma’ de seu contexto originário” (Ibidem, p. 68).

Se por um lado essa poesia é de certa forma contestada, sendo raro atingir a elevada “poesia”, por outro ela é, por diversos poetas, defendida pelo fato de as poesias não estarem desvinculadas dos momentos circunstanciais do poeta, elas nascem a partir da vivência e da realidade do autor, suas reflexões e ideologias, seu momento histórico e social e variedades de assuntos e discussões que deseja expressar. Daí que Goethe, em carta endereçada a Eckerman, diz: “meus poemas são todos poemas de circunstâncias, eles se inspiram na realidade, sobre ela se alicerçam e nela descansam” (DI LEONI, 2014, p. 69).

Esse tipo de poesia é visto, como confirma Schøllhammer, como aquilo que é “contrário ao regime ético sustentado [...], sempre subjugado à superioridade do bom e do verdadeiro”, no entanto abre um espaço ao “regime representativo” que pode “extrair por via

de uma poesia narrativa do enredo forte uma verdade própria e contribuir assim com a compreensão da realidade” (SCHØLLHAMMER, 2012, p. 131).

\*\*\*

É importante ainda destacar o tão veemente debate da relação entre real e ficção, poesia e mundo, escrita e experiência vivida e circunstâncias. O mundo físico e a realidade do autor são na verdade o cerne a qualquer escrita. No momento de produção da escrita, seja poesia ou não, o autor é defrontado com sua realidade e com suas experiências que aludem às suas próprias produções. “Um escritor não pode criar um universo *ex nihilo* a partir somente de sua imaginação e sem experiência nem referência ao real”, afirmava Schneider (2011, p. 26), assim é que observamos que um jogo entre real e ficção inventada, acontecimentos vividos pelo autor são transportados disfarçadamente para a narrativa.

No ensaio “A escrita de si”, Foucault ressalta que a forma epistolar de escrita nem sempre foi a maneira de representar a compreensão que se tinha do mundo e das coisas, nos livros e manuais. O teórico afirma ainda que se torna perceptível, nas escritas de si, o ato de escrever como um ato de se mostrar ao outro. Para o autor, esse tipo de escrita “atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha; [...] surge também como uma arma de combate espiritual” (FOUCAULT, 1992, p. 130-131).

Para Foucault:

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira refletida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso (Ibidem, 1992, p. 41).

As escritas de si podem ser consideradas como um sintoma da nossa sociedade contemporânea, assim como uma estratégia representacional por parte dos escritores, daí o advento desses gêneros não apenas na literatura, mas nos blogs e no campo midiático, através de programas como os *reality shows*, os *talk shows*, depoimentos, etc.

Schøllhammer destaca uma literatura baseada nos realismo, seja ele histórico, afetivo ou de choque.

Não é de estranhar que a literatura também reflita essa preferência de temas e de conteúdos que nos devolvem uma experiência de leitura em contato com a realidade social, cultural e histórica e seu estudo forma parte de uma compreensão do lugar da produção literária nos circuitos culturais, educacionais e midiáticos em um sentido amplo que não contemple sua especificidade literária (SCHØLLHAMMER, 2012, p. 129).

Ou seja, o que na poesia é visto como “poemas de circunstâncias”, na prosa, onde também este fenômeno é visível, é observável com a proliferação ou mesmo certa “reciclagem” de textos que se aproximam em demasia da realidade social, cultural e política do autor, os romances históricos, biografias, autoficções, diários, correspondências, relatos de viagens e a própria crônica, a qual o autor se apossa do cotidiano para produzi-la. Tais textos vêm ganhando destaque no campo literário, tornando a literatura um campo bem mais amplo, com especificidades que vão além daquilo que já está estabelecido.

Ao analisar o campo das artes do século XX, Schøllhammer atenta que é pelo fato deste fenômeno que a arte do século XX se tornou reflexiva, uma vez que ao denotar os mecanismos da sua potência ficcional, ao abordar seu próprio procedimento e métodos e idealizar sua própria materialidade, a arte e a literatura põe em xeque os limites o real e sua representação, canalizando e expressando assim sua realidade.

A “Paixão pelo real” foi um fenômeno observado por Schøllhammer, para ele é a partir daí que houve certa necessidade de representar sentimentos, a vida e o cotidiano através da literatura, o que na poesia temos nos versos circunstanciais. Assim o mesmo autor analisa que a literatura com teor realista tem a “capacidade de intervir na realidade receptiva e de agenciar experiências perceptivas, afetivas e performáticas que se tornam reais” [...] o regime representativo podia extrair por via de uma poesia narrativa do enredo forte uma verdade própria e contribuir assim com a compreensão da realidade (Ibidem, 2012, p. 130).

\*\*\*

Passemos agora a duas poesias que ilustram claramente tais definições abordadas até agora. Trata-se de poemas contemporâneos que comportam em seus versos situações circunstanciais vivenciadas pelo poeta, frequentemente são meros retratos do cotidiano, mas que ganham outros sentidos ao serem transcritos em forma de poesia. A partir dessas

circunstâncias manifestam-se reflexões, pensamentos e indagações visíveis ou implícitos no poema.

A primeira delas chama-se “versos de circunstância” da poetisa Laura Erber. Segue abaixo:

*gosto quando nas aulas  
alunas desatentas  
despertam do profundo cansaço  
como deidades muito antigas  
em ondas de sobrevivência  
- a vida numa certa idade se parece um pouco ao cansaço mítico e a um comboio  
comprido demais passando depressa  
mas devagar demais depressa -  
e dizem de uma só vez toda a verdade  
sobre os textos que não leram  
(uma amiga diz que  
coisas mágicas acontecem  
em sala de aula  
mas também coisas súbitas  
como pessoas  
pedindo licença ajuda  
mostrando cicatrizes  
receitas  
e depois sumindo  
para sempre)  
gosto quando nas aulas  
alunos muito atentos  
fazem as perguntas  
que mais gosto de fingir  
saber responder  
o que é anacronismo?  
o que significa signo?  
gosto quando nas variações da vida  
que são as aulas  
me perco no meio de uma frase  
perco todas as palavras  
peço ajuda às alunas cansadas  
distantes em seus comboios  
infinitos vagarosos porém frenéticos  
e ninguém ousa dizer  
professora não temos a vida toda  
ande com essa frase precisamos dormir  
fazer xerox sofrer  
transar e outras coisas  
menos palpáveis*

*voluptuosas  
ande com isso que não temos  
a menor ideia da sua ideia  
de frase  
às vezes me salvam dos lapsos  
às vezes me jogam dentro deles  
um pouco mais  
profundamente  
às vezes não quero ser salva  
há dias - todos os dias - em sei que sou  
o professor de natação  
sem água*

Como característica deste tipo de poesia, a situação de produção é ressaltada, a partir dela se centram a temática e as reflexões do poema. Neste caso, o poema acima é criado a partir dos acontecimentos e observações do professor em uma sala ao ministrar sua aula. As práticas observadas pela autora ganham novas formas e transformam-se em poemas, com o objetivo de suscitar certa meditação ao leitor.

O professor consegue ver e perceber diversas situações que frequentemente ocorrem nas salas de aula relacionadas diretamente com os alunos, é a partir de uma dessas observações que a autora do poema reproduz sua reflexão e análise, constituindo assim o poema em si. A situação relatada é o cansaço de suas alunas e a necessidade de sobrevivência, não somente na sala de aula, como também na vida em geral. Dessa forma, há um destaque para a comparação entre o passar dos anos ao cansaço mítico, como visível nas suas alunas, e a um comboio comprido trafegando devagar e ao mesmo tempo tendo pressa. A analogia liga diretamente ao cansaço e à sobrevivência das suas alunas em sala de aula.

Outro destaque do poema é o lugar sala de aula ser repleto de circunstâncias que podem ser mágicas a súbitas, como, por exemplo, pessoas pedindo ajuda ou licença, mostrando cicatrizes ou receitas etc. A pluralidade de uma sala de aula é marcada pela diferença entre os alunos, os cansados, os mais atentos, os mais retraídos, como observado.

Em meio às perguntas em que o professor finge saber responder, como o significado de signo e anacronismo, e o insucesso do professor às frases e às palavras, a aula, que segundo a autora são variações da vida, serve como circunstância para a produção do poema.

O que está em pauta e em evidência nele é o cotidiano de uma sala de aula comum vista, sobretudo, aos olhos dos professores que retiraram aprendizagens ao modo de ser de

cada alunos, mesmo que de forma diferente, conseguem perceber o mundo do aluno, aqueles que estão cansados, os que querem que a aula finalize. A autora faz uma leitura criativa dessas observações. Di Leoni coloca que nesses poemas o enfoque não é o texto em si, e sim o autor, o evento que dele depende a criação e a destinação, fazendo “uma celebração ou uma crítica ao mesmo tempo do outro e de si próprio” (DI LEONI, 2013, p. 52).

Fabiano Calixto também é um destes poetas contemporâneos que traduzem o cotidiano em forma de poesia. Irrelevantes acontecimentos do dia a dia urbano ganham forma e reflexões em seus poemas. O que se segue também é denominada “Versos de circunstância” (CALIXTO, 2015, p. 7).

*eu não entendia  
& ela se mexia tanto ao meu lado  
& aqueles bancos apertados  
o ar condicionado gelando tudo  
(os brincos dela, o meu humor)  
mais de uma hora cruzando  
ruas, avenidas, parágrafos –  
o livro gritando alto  
num mundo surdo  
depois de arrumar-se  
mais algumas dezenas de vezes  
passou batom nos lábios  
o sol já estava no meio do céu  
quando ela se levantou  
foi então que percebi que  
três pequenos pássaros  
voavam em suas costas*

O poema surge a partir de uma situação confusa ao poeta e aparentemente irrelevante: uma mulher, que neste contexto, se encontrava ao lado do narrador sentada em um banco, a partir daí o poeta descreve as ações desta mulher, como se arrumar, passar batom e depois de um tempo partir. Esta é a situação abordada no poema.

Há um destaque também para a leitura de um livro, o que pode confundir a mulher com uma personagem do tal livro “*mais de uma hora cruzando ruas, avenidas, parágrafos – o livro gritando alto num mundo surdo*”. Calixto, nesse sentido, busca, por meio da metáfora dos pássaros, demonstrar que uma pequena circunstância pode ser refletida com outras visões que vão além daquilo que é mero percebido.

Ferraz (2018) observa que a poesia de Calixto é carregada de graciosos e inesperados jogo de palavras, considerada poesia minimalista, apresenta versos enxutos demais, um tanto elípticos e recheados de cenas urbanas e cotidianas. A acentuada presença da cidade em seus escritos é percebida no poema acima quando diz “*mais de uma hora cruzando ruas, avenidas, parágrafos – o livro gritando alto num mundo surdo*”. Como consequência das vivências urbanas e fatos banais observados e descritos pelo poeta, seus poemas são repletos de circunstâncias cotidianas, assim ele expressa liricamente suas experiências no mundo.

Em poesia, a abordagem do assunto e maneira de dizer também têm extrema importância (mesmo quando se pega nas mãos um velho tema literário): o poeta procura a forma adequada de reunir as palavras e, principalmente, de transformar a experiência pessoal, intransferível, em algo que ultrapasse o limite de si mesmo e chegue ao coração do leitor (Ibidem, p. 1).

### Últimas considerações

A necessidade e vontade contemporânea de expor o real, a vida e o cotidiano bem como a ruptura de um modo costumeiro de se fazer poesia impulsionaram os chamados versos de circunstâncias. Além de Drummond e Bandeira, mais recentemente praticam esses tipos de versos Marília Garcia, Carlito Azevedo, Aníbal Cristobo, dentre outros.

Esses versos são carregados de traços biográficos, se limitam a ser apenas um retrato do cotidiano do poeta ou ainda citações de conversas de amigos ou dedicados a uma dada ocasião importante, como casamento, aniversário, formatura. Tais especificidades causam críticas negativas por parte da grande crítica literária em relação a esses poemas e seus escritores, eles entendem que tais poesias carregam apenas fúteis acontecimentos do cotidiano, esvaziada de qualquer conteúdo social, político e aprimoramento estético, um debate que está longe de se findar.

A verdade é que vida e obra sempre foram aspectos que se interligaram seja na poesia como na prosa, poesia e mundo são indissociáveis e hoje em nossa cultura contemporânea ganham novas formas e manifestações. As experiências vividas e circunstâncias ganham destaque na escrita literária uma vez que respondem a uma necessidade de se pensar relações de um modo não orgânicas.

Circunstâncias e procedimentos de um texto são diretamente ligados à minoridade, no caso da poesia de “poesia menor” ou não se encaixam no que chama de “poesia verdadeira”. O que não é observado nesses poemas é que eles vão além de uma simples



circunstâncias, há neles reflexões e críticas sociais direcionadas diretamente ao leitor. Adorno (2003, p. 252-253) compreende que as críticas à sociedade são imanente e inerente às artes:

A arte não é social apenas mediante o modo da sua produção, em que se concentra a dialética das forças produtivas e das relações de produção, nem pela origem social do seu conteúdo temático. Torna-se antes social através da posição antagonista que adota perante a sociedade e só ocupa tal posição enquanto arte autônoma. Ao cristalizar-se como coisa específica em si, em vez de se contrapor às normas sociais existentes e se qualificar como socialmente útil, critica a sociedade pela sua simples existência, o que é reprovado pelos puritanos de todas as confissões.

Por fim, destacamos que tais poemas aqui abordados não devem ser desconsiderados por parte da crítica e podem ser julgados como literários e artísticos, uma vez que trazem em seus versos pensamentos que vão muito além dos meros retratos do cotidiano e das circunstâncias descritas.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Versos de circunstâncias**. Eucanaã Ferraz (Org.) Rio de Janeiro: IMS, 2011.
- BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CALIXTO, Fabiano. **Jurubeba blue**. Coleção Leve um livro. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura de BH, 2015.
- DI LEONI, Luciane. Poesia de circunstância como prática: Andi Nachon no Rio de Janeiro. **b. pesq. nelic**, florianópolis, v. 13, n. 20, p. 46-57, 2013.
- DI LEONI, Luciane. O mínimo e o monumento. Os *Versos de circunstâncias* de Carlos Drummond de Andrade. In: SCRAMIM, Susana; DI LEONI, Luciane (Orgs.). **Ler Drummond hoje**. São Paulo: Copetti Editor, 2014.
- DI LEONI, Luciane. O convívio da poesia. **outra travessia**, Florianópolis, n. 19, p. 105-119, jan./jun., 2015.
- FERRAZ, Heitor. **Poesia presente**: Fabiano Calixto. Revista Trópico – Poesia Pensante, 2018. Disponível em:  
<<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2762,1.shl>> Acesso em ago. 2018.
- FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992.



SCHNEIDER, Michel. O outro eu. Trad. Cleonice Mourão. In: SOUZA, Eneida; MIRANDA, Wander (Orgs.). **Crítica e Coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Realismo afetivo: evocar realismo além da representação. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 39, p. 129-148, jan./jun. 2012.